

O Suicídio no Recife dos anos 1920

PEDRO FREDERICO FALK*

Introdução

Refletir sobre a sua própria existência, decidindo entre a vida e a morte, consiste numa capacidade unicamente da espécie humana. A humanidade, em si, só existiu e ainda existe pelo simples fato de nós humanos achamos razões para nos mantermos aqui presentes. Contudo, existem aqueles que decidem acabar voluntariamente com a sua existência antes de morrer por doença, velhice ou violência (MINOIS, 1999:2).

O Brasil, nos anos de 1920, era regido pelo Código Penal de 1890 e a Constituição de 1891, que, segundo o artigo 299 daquele, haveria pena de prisão por dois a quatro anos àqueles que induzissem, ou auxiliassem alguém a se suicidar, ou ainda fornecer-lhe os meios, sabendo do seu intento. Aliás, segundo Jackson Ferreira (2004), já no Código Criminal do Império não havia punição ao suicídio¹, mas somente o auxílio era punido.

Contudo, isto não impedia que houvesse uma investigação dos casos, até porque havia a necessidade da polícia averiguar o caso da morte: se foi mesmo suicídio, tentativa de suicídio² ou crime e até, possivelmente, um acidente. Após a averiguação dos processos, caso fosse comprovada a sua condição criminal como sendo tentativa de suicídio ou suicídio, então, o processo criminal era arquivado.

Nos casos de tentativa de suicídio, fazia-se a inspeção pelo Instituto de Medicina Legal que exerce o exame médico de ofensa física no indivíduo e podendo a polícia tomar o testemunho do indivíduo, para, então, se arquivar o caso. Quanto ao suicídio, além da perícia do cadáver pelo Instituto de Medicina Legal, a polícia procede na obtenção de declarações de testemunhas, podendo estes terem relações de amizade ou não com o suicida. A polícia exerce uma forma, digamos rudimentar, de uma autópsia

* Universidade Federal de Pernambuco. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História. Bolsista da CAPES

¹ Suicídio aqui será referido como o ato fatal pela autodestruição.

² Tentativa de Suicídio será referida como o mesmo ato de autodestruição, só que não sendo fatal.

psicológica³, onde se busca testemunhas que presenciaram o ato ou tomaram conhecimento do mesmo, e os possíveis motivos para a sua realização.

Além dos processos criminais, os jornais também tiveram seu papel na divulgação dos casos de suicídio, como o Diário de Pernambuco que publicava, na seção de “fatos diversos”, as notícias referentes ao suicídio e às tentativas de suicídio, além de outros fatos. Estas notícias traziam o nome do indivíduo e o meio utilizado para a prática do ato. Traziam também outras informações pessoais, tais como: razão pela qual se cometeu o ato; idade; raça; endereço de residência; profissão; estado civil; nacionalidade ou naturalidade; nome dos pais; hora em que praticou o ato; entre outros, contudo, a publicação destas informações variava de caso para caso.

Havia casos em que o indivíduo deixava uma carta ou bilhete, conhecidas como as cartas de despedidas ou ainda mensagens ou bilhetes de adeus. Considera-se o “bilhete a mensagem de caráter breve e informativo; como carta, a mensagem de adeus que implica um texto, não necessariamente tão mais longo, mas que contenha um discurso que segue uma progressão com começo, meio e fim; [...]” (DIAS, 1997: 82).

A carta de despedida “consiste num veículo em que o falecido pode ter a última palavra. Este mecanismo permite o falecido explicar, para trazer o fecho (ou não), para amenizar a culpa, para ditar os próximos passos, para controlar, para isentar, ou para culpar.”⁴ (SHNEIDMAN, 2004: 12).

O jornal Diário de Pernambuco chegou a publicar algumas destas cartas, mas vale lembrar que nem todos que tentam o suicídio deixam cartas, como exemplo, no ano de 1923, este jornal publicou 30 casos de tentativas de suicídio e 10 de suicídio, mas somente três destes 40 atos deixaram cartas.

Este número relativamente reduzido de cartas deixadas deve-se que geralmente são escritas momentos antes do ato. Nos suicídios, que ocorrem por impulso do momento, os indivíduos não estão preocupados em deixar cartas. Segundo Maris *et al* (2000), o meio utilizado na prática do ato também influencia na escrita das cartas, pois

³ A técnica de autópsia psicológica surgiu, aproximadamente, na década de 1950 nos Estados Unidos. Segundo Wang e Ramadam, a autópsia psicológica “trata-se de uma avaliação capaz de desvendar pistas diretas ou indiretas acerca de um determinado comportamento letal que estava por atingir seu ápice. Recolhem-se informações, através de entrevistas, [...]. Reconstitui-se, pois, o estilo de vida do falecido, elaborando-se, assim, uma história clínica a mais completa possível. [...]. O objetivo de uma autópsia psicológica é, pois, firmar os sintomas que foram determinantes de suicídio.” Tirado do artigo de Wang e Ramadam, página 82.

⁴ Traduções nossa.

aqueles, que usam métodos com menor letalidade, ainda possuem tempo e oportunidade para escreverem um bilhete ou carta. “É igualmente importante entender que aqueles mais propensos ao suicídio são os menos propensos a escrever cartas de despedida” (MARIS; BERMAN; SILVERMAN, 2000: 266).

Segundo Maris *et al* (2000), podemos observar nas cartas de despedidas os motivos indicados para a realização do suicídio, que seriam: em busca de se reunir com uma pessoa querida já falecida; com a fantasia de renascer; raiva ou vingança; para livrar-se de algo; ou tréguas. Como exemplo de vingança, bem como para livrar-se de algo, temos o caso do senhor Manoel M. da S., de 60 anos, que na sua carta justifica que se suicidou para se livrar da perseguição do seu vizinho Antônio, algo que havia acontecendo há certo tempo e que o deixou sofrendo (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18/11/1923: 4).

Há também aqueles, como visto anteriormente, que deixam as cartas como formas de controlar e ditar os próximos passos a serem seguidos. Como o caso da carta deixada por Manoel C. de S. L., que trazia 562\$000 e dizia: “Desse dinheiro tire 110\$ e pague ao Sr. Ramiro o aluguel da casa. O resto entregue à minha mulher e diga que é para comprar o último pão dos meus filhos.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 11/02/1921: 4).

Existem ainda os indivíduos que deixam mais de uma carta e também cartas alternativas, como no caso do inglês Noel A. M., que se encontrava em Pernambuco há cerca de um ano, contratado pelo governo a serviço de engenheiro no trabalho de abastecimento de água da cidade. Ele deixou duas cartas, uma para o companheiro de casa dizendo que o motivo para seu ato era pessoal e sem o induzimento de terceiros, e a outra direcionada ao Cônsul Britânico trazendo os reais motivos para seu suicídio. Nesta segunda carta, dizia que já vinha sofrendo desde quando morava na Inglaterra, com o falecimento de sua esposa, e que a dor aqui piorou quando contraiu sífilis há três semanas. Ainda pede nesta carta que o Cônsul cuide dos seus negócios em benefício do seu filho. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 07/04/1921: 5)

Desta forma, as cartas de despedida auxiliam no entendimento do suicídio, pois com elas pode-se obter “alguns importantes insights para os pensamentos e sentimentos dos indivíduos suicidas, escritas como estão dentro do contexto do comportamento

suicida.” (SHNEIDMAN; FARBEROW, 1961: 37-38). Auxilia também no entendimento da sociedade devido ao fato que partindo do pressuposto que:

Uma vez que o indivíduo nunca está descompromissado com o meio social e com os vínculos que nele estabelece (embora ele próprio acredite que sim), o ato suicida está sempre voltado para o mundo em que tal pessoa se insere. A partir desse princípio, a interpretação do “material de adeus” tenta reconstruir essa inter-relação entre indivíduo e meio social, tomando o discurso suicida como a última fala deixada por esse sujeito às pessoas ou à sociedade. (DIAS, 1991: 99).

Assim como as cartas podem nos auxiliar nos estudos historiográficos, os processos criminais e as notícias em geral dos suicídios e das tentativas também podem. Os processos criminais nos oferecem como a justiça e a polícia agiam perante o suicídio, tendo em vista também de que como “são fundamentalmente fontes oficiais, produzidas pela Justiça, a partir de um evento específico: o crime e seu percurso nas instituições policiais e judiciárias. [Assim devem ser] [...] tomados também como ‘mecanismos de controle social’.” (GRINBERG, 2009: 126).

Já as notícias de suicídio e das tentativas, como trazem dados informativos, auxiliam no entendimento historiográfico pelo simples fato de que:

[...] considera-se fundamental para a compreensão do fenômeno da autoviolência as especificidades históricas de formação e constituição de sociedades e comunidades, bem como as práticas e representações sociais forjadas em temporalidades diversas. O estudo dos dados gerais da ocorrência do suicídio, bem como as especificidades relacionadas com a prática, pode tornar rica a análise de determinadas sociedades e comunidades, lançando nova luz sobre práticas cotidianas; relações entre o individual e o coletivo, o público e o privado; representações sobre relações de gênero, étnicas, geracionais e de classe, num certo tempo e lugar. (WADI; SOUZA, 2009: 94).

Contudo, para um melhor entendimento destas fontes, é preciso também contextualizar o tempo e o espaço em que foram elaboradas. Inclusive, o suicídio chegou a ser determinado como um crime em alguns países, como na Inglaterra, onde ainda em 1961 podia-se mandar um indivíduo que tentasse suicídio para a prisão (ALVAREZ, 1999: 61). Desta forma, tendo visto o papel das principais fontes acerca do suicídio, entramos no contexto aqui abordado, que consiste no Recife da década de 1920.

Os anos 1920

A década de 1920, período logo após a Primeira Guerra Mundial, ficou conhecida como “os anos loucos”, pois devido à violência da guerra, evidenciou-se a fragilidade humana. A guerra, também, aproximou os homens da ambivalência da relação entre o eterno e o efêmero, sendo este caracterizado pela acelerada transformação pela qual passava o cotidiano das sociedades. (RODRIGUES, 1997).

Além da guerra, enquanto consolidava-se a República no país, os indivíduos foram se libertando da influência da família, da religião, da comunidade ou das redes sociais do trabalho, ou seja, dando início à novos comportamentos, os quais foram influenciados pela transformação social e econômica. As mudanças, que influenciaram os comportamentos humanos, devem-se ao fato que:

Na transição do século XIX para o XX, o país foi inoculado pelo dinamismo que atingia a economia internacional. Tais mudanças, explica o historiador Nicolau Sevcenko, afetaram a ordem e as hierarquias sociais, as noções de tempo e de espaço, seus modos de perceber os objetos e, mesmo a maneira de organizar as afeições ou de sentir os outros seres humanos. Nunca, em período anterior, tantas pessoas foram envolvidas em um tal processo de transformação de hábitos cotidianos, convicções e percepções, influenciadas, querendo-se ou não, pela expansão do capitalismo [...]. (PRIORE, 2006: 231-232).

O capitalismo em expansão ocasionou uma onda modernizadora que veio a tomar conta de várias cidades tanto do Brasil, como das grandes cidades do exterior. Assim, “as cidades passavam por transformações significativas, para atender aos sonhos progressistas e facilitar o avanço da ‘verdadeira civilização’” (REZENDE, 1997: 31-32), causando impactos sobre os hábitos do dia-a-dia.

A grande expansão do intercâmbio comercial e financeiro com o exterior, desde a segunda metade do século XIX, vinha provocando grandes modificações no estilo de vida não apenas das principais cidades do Brasil, mas também de toda a América Latina, cujos padrões de consumo começavam a se espelhar nos europeus, especialmente Paris e Londres. Em consequência, ocorreram novos tipos de demanda social e econômica, sobretudo das classes dominantes, que desfrutavam a prosperidade gerada pelas exportações do setor primário. Para o atendimento dessa demanda organizam-se empreendimentos por iniciativa de alguns pioneiros locais e do capital estrangeiro para a implantação de infra-estrutura de transportes e, paralelamente, serviços de utilidade pública (telefones, transportes urbanos, iluminação pública, geração e distribuição de energia elétrica). (LORENZO,1997 :160)

Instaura-se a modernidade capitalista, possibilitada pela produção em larga escala, visando à intensificação do consumo, que modificou as formas de mecanização da produção dos produtos, sendo presentes várias novas formas de fazê-las; melhoramentos na produtividade; e conseqüentemente veio a modificar o processo da divisão social do trabalho. Contudo, o consumo era para aqueles que tinham renda para isso, enquanto os que não tinham condições ficavam a sonhar em algum dia ter um automóvel para sair fazendo *fonfon* pelas ruas, para atrair os olhares.

Aparentemente isto chegou a afetar a população, tanto que, aparentemente, influenciou no suicídio de um jovem auxiliar de comércio, de 19 anos, Luiz V. de M. Junior em primeiro de dezembro de 1920, pois ele se matou no “Restaurant Leite” deixando uma carta onde justificava seu ato: “Assim é a vida. Depois de muito goso aparece a morte. Gastei tudo quanto tinha e o unico balsamo é o revolver.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 01/12/1920: 4).

Entretanto, apesar dele dizer que nada mais possuía além da arma, foi encontrado em seu corpo: um relógio e uma corrente de ouro, uma carteira, um broche de gravata com uma pérola, um anel de ouro com um brilhante pequeno, um atacador de botinas e o jovem ainda vestia um terno de casimira escura, uma gravata preta, botinas de pelica e chapéu de palha.

Portanto, a modernidade e o capitalismo, além de influenciar, no modo de vida das pessoas, trouxeram novos meios de se suicidar, pois houve uma ampliação na indústria química, assim, mais opções de veneno para se envenenar, surgiram os bondes elétricos e os carros, que, aliados aos trens, serviam como uma alternativa aos venenos, que poderiam ocasionar dores; e a pistola mauser - inclusive, em certas notícias no Diário de Pernambuco, quando o indivíduo se matou ou tentou se matar com tiro, observamos que em certas notícias colocam que o individuo utilizou a pistola mauser para seu fim.

Segundo Jackson Ferreira (2004), existiam autores, já em meados do século XIX, que acreditavam que o progresso da civilização era umas das principais causas do suicídio. Mesmo o presidente da província da Bahia de 1861, Antonio da Costa Pinto, - que foi também presidente da província de Minas Gerais em 1836-37 e de Pernambuco em 1848 – “afirmaria que as estatísticas demonstravam que o suicídio ia ‘augmentando a medida do correr do tempo, e por tanto das conquistas da civilisação’.” Ainda segundo

esse autor, a associação entre a civilização e o suicídio continuou forte ainda no final do século XIX.

Seguindo o pensamento de Èmile Durkheim⁵, a sociedade desta época estaria em crise, pois houve uma mudança nas necessidades humanas (físicas, as morais e os desejos), que variam de acordo com cada classe social. Desta forma, utilizando o seu critério de classificação etiológico para o suicídio – egoísta⁶; altruísta⁷; e anômico – podemos supor que os suicídios desta época seriam do tipo anômico.

Esta forma de suicídio encontra-se ligadas as sociedades modernas e comerciais e “distingue-se não pela maneira como os indivíduos estão ligados à sociedade, mas pelo modo com esta os regula. [ou seja][...], provém do fato de a atividade dos homens estar desregrada e do fato de eles sofrerem com isso.” (DURKHEIM, 2005: 279).

O Recife, assim como também muitas capitais de Estados brasileiros, não ficou de fora destas modificações, pois buscou urbanizar-se e modernizar-se. Tanto que passou a ser cenário da modernidade, onde a cidade urbana era vista como a imagem do futuro e a rural, como imagem do passado. Contudo, essa modernidade não ocorreu sem tensões entre o tradicional e o moderno, ou o novo e o velho.

Durante os anos 1920, o governo pernambucano buscou exercer medidas de benefícios públicos, assim, buscando resolver os problemas de higiene e habitacional. Medidas já sendo observadas durante o governo de José Rufino Bezerra⁸. Aliados ao projeto de modernização do Estado encontravam-se também os prefeitos, que também buscavam melhorias para as cidades. Este foi o caso do prefeito do Recife, Lima Castro, que visando melhorar a estética da cidade e o resolver os problemas dos mocambos e habitacionais, inaugurou uma vila operária. Mais uma vez as autoridades buscam regularizar e disciplinar os trabalhadores, contudo, a vila operária de Lima não obteve o

⁵ Autor do livro clássico, O Suicídio, sobre o suicídio do ponto de vista sociológico.

⁶ Suicídio egoísta ocorre quando o indivíduo encontra-se pouco integrado à sociedade em que vive.

⁷ Suicídio altruísta ocorre quando o indivíduo encontra-se fortemente integrada à sua sociedade, onde os desejos desta sobre saem sobre o seu próprio, assim, se suicidam visando o bem-estar ou as regras de sua sociedade.

⁸ José Rufino Bezerra Cavalcanti foi o governador de PE a partir de 1919, contudo, com a sua morte, assumiu Severino Pinheiro, que era o presidente do Senado Estadual. Com uma nova eleição, foi eleito o coronel José Henrique Carneiro da Cunha, contudo, como este renunciou antes de assumir, foi feita uma nova eleição, tendo sido eleito Sérgio Teixeira de Barros Loreto.

sucesso por ele desejado, pois iam contra os hábitos dos trabalhadores, que tinham as novas casas como muito luxuosas.

A modernização do Estado continuou durante o governo do governador Sérgio Loreto, que exerceu o seu cargo de 1922 a 1926. O governo deste é tido como o governo de maior destaque em relação às modernizações feitas, na qual se buscou melhorias nas questões de higiene, da saúde e da urbanização do Recife. Inclusive, o governo de Loreto, segundo Rezende (1997), teve considerado seu Departamento de Saúde e Assistência como o mais eficiente do Brasil.

Estas mudanças, tanto do governo, como tecnológica, que aconteceram no Recife, não ocorreram sem resistência, pois “Nem todos se sentiram seduzidos pelas invenções modernas, pela renovação dos hábitos, por uma concepção de tempo que exigira mais pressa, pela ruptura com práticas de convivência social enraizadas” (REZENDE, 1997: 57). Mesmo a mudança dos bondes puxados por burros para os bondes elétricos, trouxe significativas mudanças nos hábitos da população. Tendo em vista que, antes, as pessoas mandavam seus criados pedirem para os condutores dos bondes de burros lhes esperarem enquanto terminavam de se arrumar, algo que não era mais possível com os bondes elétricos.

Os novos hábitos da sociedade moderna recifense dos anos de 1920 foram alvo de resistência por parte dos periódicos, além da população. Isto pode ser observado no periódico *O Grito* que na sua primeira edição, de junho de 1928, começou uma campanha moralizadora dos costumes do “sexo frágil” - “A mulher pernambucana, mormente a da capital, chafurda-se de vez no intérmino lodaçal das danças modernas, das modas exageradas e dos namoros escandalosos...” (O GRITO, 1928: 1). Este periódico convidou, a fazerem parte dessa campanha, os pais de famílias, visto que estes foram tidos como os responsáveis por permitirem que suas filhas fossem para as danças e ao uso das modas exageradas.

Outros fatores de cunho moral também foram alvo de preocupações, como as doenças venéreas. O Departamento de Saúde e Assistência, com o seu periódico *Saude e Assistencia*, na sua edição de maio de 1924, dedicou a capa desta edição ao combate da sífilis, tida como um flagelo social, que deveria ser combatido em favorecimento da família e da coletividade. (SAUDE E ASSISTÊNCIA, maio 1924). Este mesmo exemplar traz a sífilis, o alcoolismo e a tuberculose como os principais responsáveis

pela destruição do homem. Inclusive, a sífilis influenciou num caso de suicídio, como visto anteriormente.

Várias outras questões que surgiram com a modernização foram alvo de críticas, como o cinema e o teatro que traziam imagens de adultério, amor contrariado, em geral, pelas suas obscenidades. Todavia, o cinema, em especial, acabou conquistando os habitantes das cidades brasileiras, visto que era voltado para o consumo de massa. Além da diversão, estes estabelecimentos serviam como uma forma dos homens estarem em contato com as mulheres, pois passam em lugares onde se cruzam.

O cinema também trouxe ainda novas mudanças na cidade, além de só servir como divertimento, pois com ele “o Recife alarga os seus horários noturnos, movimenta-se mais o centro da cidade, mais assuntos para conversar, novos ídolos, novas seduções, novos e agitados pontos de encontro.” (REZENDE, 1997: 78). Causaram mudanças também com relação às mulheres, pois os filmes hollywoodianos abordavam principalmente os temas de amor e traição, com as personagens femininas geralmente envolvidas num triângulo amoroso.

Havia ainda outros meios de diversão na época além dos cinemas e teatros. Segundo Rago (2004), havia os bailes, festas, restaurantes, piqueniques, bares e circos. Nos bailes surgiram novos estilos de danças, além do mais, as moças começaram a frequentar os bailes desacompanhadas, pois iam sem a figura protetora masculina.

Com isto, surgiu a questão dos solteiros, que também foi alvo de críticas, tanto que o periódico *O Dia* traz um artigo intitulado “Os Solteirões”, no qual traz os solteiros como um flagelo social, pois ele é um covarde, que só despoja a honra e a virtude de um lar, pela traição (BOLO, 31/03/1921: 5). Segundo Fausto (2001), houve um aumento no estímulo sexual ao longo dos anos de sua pesquisa, que vai de 1880 a 1924, além de uma maior liberação e na redução da responsabilidade sexual.

Esse fato pode ser comprovado com o caso de Arthur T. C., solteirão conhecido pelos seus maus costumes de práticas de conquistas amorosas, que seduziu a esposa de um marítimo. O esposo, ao retornar de uma viagem, soube da infidelidade de sua mulher e procurou Arthur, que confessou o fato. Quando o marido questionou a sua esposa, essa correu ao seu quarto e pulou pela janela do terceiro andar, pois estava receosa da reação do seu esposo. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1920).

Desta forma, os novos meios de diversão foram alvo de críticas, pois eram tidos como ambientes que iam além da dança, “há namoros inescrupulosos, promessas de entrevistas comprometedoras, mocinhas que deixam levar pelos olhos langorosos dos seus enfatuados ‘Romeus’, caminhando passo a passo, para as bordas do abismo...” (O GRITO, 16/07/1928: 1). Além do mais, estes centros são tidos como um cabaré, que é descrito como:

Aquele antro de vícios e de miséria humana, onde a carne é mercadejada com tal facilidade que, muitas vezes, podemos comprar até por um copo de cerveja, regorgitava de cretinos e cretinas... E então, podemos avaliar da enormíssima desfaçatez que há dentro de um cabaret... Aos olhares viciados das Evas de prazer barato, sucedem-se as gargalhadas dos selvagens deuses pagãos, iconoclastizados, que são os homens da actual geração. (O GRITO, 25/06/1928:1).

Assim era a vida no Recife, com as mudanças que afetaram as relações sociais da população, ou seja:

Assim, é vida mundana no Recife com suas trilhas conhecidas, no entender de cronista Luís Marialva: “Rua Nova. Bijou. Moderno. Internacional. Boa Viagem. Olinda. Bailes. Carnaval próximo. Flirts. Alguns Noivados. Raros casamentos. Muitas mentiras. Sedução. Enganos. Traições. Promessas. Separação. Esquecimento. Sorrisos. Lindos cabelos. Saudades da pátria”. (REZENDE, 1997: 69).

Através das notícias de suicídios dos jornais, podemos notar esta questão dos casamentos, pois diversas mulheres tentam o suicídio após discussão com o companheiro, aqui supomos que os casais não eram casados perante a lei, pois há notícias em que anunciam discussão com o esposo e outros com o companheiro. Além do mais, há casos em que anunciam as mulheres morando com as companheiras, assim, auxiliando nesta dedução.

Outro fator que podemos observar com as notícias, são as questões dos motivos pelos quais as pessoas buscam o suicídio, algo que varia de acordo com o gênero. Com as mulheres, há certa predominância das questões ligadas ao lado afetivo e quanto aos homens, estes por questões financeiras, dificuldades de vida, mas também por questões emocionais.

Isto condizia com a época, em que se tinha receio da mulher trabalhar fora do lar, pois cabia ao homem o sustento da casa e da família. Isto porque, o dinheiro era visto como algo essencialmente masculino, pois sujo e degradante, logo a mulher não deveria possuí-lo. Não obstante, as publicações feministas buscavam inverter isto,

mostrando o lado positivo do trabalho feminino fora do lar, tendo em vista a dificuldade no ingresso ao mundo de trabalho controlado pelos homens. Contudo, havia o receio pelos médicos e higienistas nas mulheres trabalharem fora de casa, pois levaria à desagregação da família.

A ociosidade também foi vista como uma das causas que levariam as mulheres ao suicídio, como sugerido na tese do Dr. Quintino Costa (1927). Evitando esta ociosidade, possibilitaria que as mulheres utilizassem a sua imaginação em coisas mais úteis, pois estas possuem uma imaginação fantasiosa e seriam suscetíveis a influências do cinema, do teatro e da literatura.

Dr. Quintino Costa (1927) também defende o casamento como uma forma de se evitar o suicídio, pois este serviria como uma forma de elevar a moral, evitar as moléstias venéreas e povoação do solo. Isto pode ser dividido à quantidade de suicídio de jovens, pois com base nas notícias do Diário de Pernambuco, notamos uma relativamente média baixa para as idades, sendo de 32,54 anos para os suicídios durante o ano de 1920 e 23,66 anos para as tentativas de suicídio, durante este mesmo ano.

Com as notícias, podemos também observar que as mulheres tentam mais o suicídio do que os homens, enquanto, estes se suicidam mais do que as mulheres, algo condizente com os achados dos especialistas em suicídio. Assim, durante o ano de 1923, como mencionado anteriormente, houve 30 casos de tentativa de suicídio em Pernambuco, sendo deste, 19 de mulheres e 11 de homens. Com relação ao suicídio, houve 10, sendo 8 de homens e 2 de mulheres.

Para o Dr. Seraine (1930), na sua tese, isto se deve que as mulheres são seres bastante emocionais e que só se suicidam por questões amorosas, visto que elas raramente têm outra preocupação, enquanto, que os homens se suicidavam mais pelo simples fato de que eles são os responsáveis pelo lar, assim, são os que mais pagam tributos.

Havia também a idéia de que as mulheres tentavam mais como uma forma de conseguirem aquilo que queriam, porém, aparentemente, usar o suicídio como uma forma de chamar atenção não foi restrito só as mulheres. Isto porque, o indivíduo Joaquim L. S. após uma discussão com a sua esposa, tomou um copo de água e logo após começou a gritar dizendo que havia ingerido ácido fênico, possivelmente como uma forma de enternecer a sua esposa. Contudo, a vizinhança foi alarmada e a

assistência pública chamada, para a qual Joaquim confessou que não havia ingerido nenhum tóxico, mas devido a sua “brincadeira de mau gosto”, acabou sendo recolhido ao xadrez (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 06/01/1921: 4).

Há ainda outra razão pela qual podia haver mais suicídios de homens do que das mulheres, que seria o meio utilizado na prática do ato. No geral, as mulheres utilizam meios menos violentos do que os homens. A escolha do método utilizado também consiste num fator cultural, pois os métodos variam, frequentemente, de regiões geográficas e ao longo dos anos. (JAMISON, 2000).

Pelo Diário de Pernambuco, notamos que no ano de 1923, o método mais escolhido para o suicídio era por envenenamento, sendo utilizado 15 vezes nas tentativas de suicídio, mas nenhuma nos suicídios. Com base no jornal, notamos que aqueles que se envenenam acabam gritando por socorro, desta forma, acabam sendo socorridos e tirados do perigo. Depois do envenenamento veio o fogo, onde embebedam as vestes com querosene e depois ateiam fogo, desta forma foram 6 tentativas e 3 suicídios. O próximo método escolhido seria a arma de fogo, com 7 casos, 3 de tentativas e 4 de suicídios. Podemos notar uma continuação na preferência dos venenos e depois pelo fogo, algo que também foi verdadeiro para o ano de 1920.

Os achados do ano de 1923 condizem com a publicação de Jamison (2000), onde as mulheres preferem as drogas e venenos (dos 15 casos do uso de veneno, 11 foram por mulheres), enquanto que os homens preferem as armas de fogo (dos 7 casos com arma de fogo, uma foi de mulher), pois são tidas como métodos másculos.

O predomínio no uso do veneno e do querosene para atear fogo pode também ser dividido a facilidade com que se obtinham estas matérias, tanto que a tese de José de Araújo Souza (1929) remete sobre a o suicídio por envenenamento, pois, segundo ele, havia um aumento destes devido à facilidade na obtenção dos venenos.

As notícias de tentativas de suicídio e também alguns casos de suicídio nos mostram a presença da Assistência Pública no socorro destes indivíduos, que os medicavam e os levavam para o Hospital Pedro II, quando os casos ocorriam no Recife. Assim, podemos notar a eficiência do governo na assistência ao povo, pois, provavelmente, sem a Assistência Pública, teriam ocorrido mais suicídios e menos tentativas.

Tanto as notícias como os processos criminais, nos levam a crer que havia certa visão negativa com o suicídio, isto pelos termos usados, como o tresloucado indivíduo, e também certo ar de descaso com os suicídios pelos processos criminais. Como exemplo, no caso do inquérito do suicídio de Maria José do E. S⁹, a polícia testemunhou dois vizinhos que tinham ouvido falar do caso e que não tinham relações de amizade com a dita mulher. Outro fator foi que o marido havia dito que a sua esposa suicidou-se devido à perseguição do seu vizinho Rodolpho, que até havia denunciado a polícia. A polícia também ouviu o testemunho do dito vizinho Rodolpho, que disse que havia denunciado pelo fato dela ter o injuriado.

Devido aos choques de testemunhos, a polícia manteve-se neutra, pois não há menção na averiguação dos relatos destas duas testemunhas e também mencionam brevemente que a suicida havia tentado assassinar a filha de oito anos antes, dando-lhe veneno para tomar.

Assim, como os jornais, os processos criminais também trazem informações sobre os indivíduos, além de informações sobre as testemunhas nos casos. Ao contrário das notícias, estas informações não se encontram variáveis nos processos, pois caso não estejam presentes no processo em si, estarão presentes nos relatórios do Instituto de Medicina Legal de cada caso.

Considerações Finais

Apesar do suicídio e da tentativa de suicídio não serem considerados como um crime pela legislação brasileira, este ato ainda encontrava-se regido pela legislação, quanto à proibição no auxílio de terceiros. Desta forma podemos notar que,

[...] a criminalidade expressa a um tempo uma relação individual e uma relação social indicativa de padrões de comportamento, de representações e valores sociais. Vários comportamentos definidos como crime não são muitas vezes outra coisa senão a expressão de desejos ou de um potencial de agressividade reprimidos que se explicitam. (FAUSTO, 2001: 27).

Nesta questão podemos observar a questão cultural envolta do suicídio, pois a visão que se tem dele e a sua aceitação variaram de época para época, e de lugar para lugar. Podemos notar até um avanço na legislação brasileira em relação ao suicídio, pois

⁹ Processo este presente no Memorial de Justiça de Pernambuco, na Caixa 540 da comarca do Recife.

enquanto a Inglaterra manteve o suicídio como crime até 1961, o Brasil desde o Império, não o considerava como um crime.

O suicídio pode nos auxiliar num melhor entendimento da sociedade, quanto aos seus valores, suas dificuldades, suas relações sociais e entre outros. Desta forma, tanto os processos criminais, quanto as notícias nos jornais trazem informações riquíssimas para o entendimento da sociedade pernambucana dos anos de 1920.

Apesar do suicídio ser e ter sido presente em todas as sociedades, no Recife e no Brasil dos anos de 1920, com as suas modificações e mudanças, podemos notar uma constante presença do suicídio e das tentativas no cotidiano das pessoas. Isto porque, este tema esteve presente nas teses médicas¹⁰ da época, nos processos criminais, nas notícias de jornais, nos contos publicados nos jornais, e até como propaganda de remédio.

Referencial Bibliográfico:

Fontes Primárias:

Arquivo Público estadual Jordão Emerenciano, Divisão de Hemeroteca (APEJE)-PE:

Periódicos:

- O Dia;
- O Grito;
- Saúde e Assistência.

Fundação Joaquim Nabuco- Setor de Microfilmes (FUNDAJ)-PE:

Jornal:

- Diário de Pernambuco.

Memorial de Justiça de Pernambuco:

- Processos Criminais: Caixa 540; Caixa 773; Caixa 944.

¹⁰ As teses de medicina constituem como uma fonte ideal do saber médico acerca do suicídio no período analisado, pois ainda hoje há um domínio por parte dos profissionais de saúde no estudo do suicídio. Os discursos médicos constituíam na principal fonte de saber científico do Brasil, além do seu papel influenciador no Estado. Inclusive foi no Recife dos anos de 1920 que se teve o comando de um médico – Amaury de Medeiros – na reformulação dos serviços de higiene e saúde, propondo um modelo civilizador e marcada pelo saber científico. Os discursos médicos brasileiros também estavam ligados aos saberes científicos europeus, principalmente, da influência dos estudiosos franceses, italianos e alemães.

Bibliografia:

- ALVAREZ, A. **O deus selvagem:** um estudo do suicídio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BARROS, SOUZA. **A década 20 em Pernambuco:** uma interpretação. Rio de Janeiro: [s/n] , 1972 (Graf. Acadêmica).
- BOLO, H. “Os Solteirões”. In: Periódico **O Dia**. Recife, 31, março, 1921. n° 7, p. 5.
- COSTA, Quintino Castellar. **Do Suicídio e sua prophylaxia**. Tese da Faculdade de Medicina da Bahia, 1927.
- DIAS, Maria Luiza. **Suicídio:** Testemunhos de Adeus. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- _____. O Suicida e suas mensagens de adeus. In: CASSORLA, Roosevelt (coord.). **Do Suicídio:** Estudos Brasileiros. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.
- FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano:** A criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: USP, 2001.
- FERREIRA, Jackson A. **Loucos e Pecadores:** suicídio na Bahia no século XIX. Dissertação de Mestrado em História. UFBA, 2004.
- FILGUEIRAS, Carlos Eduardo de Albuquerque. Crimes passionais no Recife da década de vinte: cortes e regularidades. In: **Documentação e Memória/TJPE**, Recife, PE, v.1, n.1, 36-49, jul./dez.2008.
- GRINBERG, Keila. A História nos porões dos arquivos judiciários. In: PINSKY, Carla; LUCA, Tânia de (orgs.). **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- JAMISON, Kay Redfield. **Night Falls Fast:** understanding suicide. New York: Vintage Books, 2000.
- LOPES, Gustava Acioli. **A Cruzada Modernizante e os Infiéis no Recife, 1922-1926:** Higienismo, vadiagem e repressão policial. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFPE, 2003.
- LORENZO, Helena Carvalho de. Eletricidade e Modernização em São Paulo na Década de 1920. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da. (orgs.). **A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno**. São Paulo: UNESP, 1997.
- MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology**. New York: The Guilford Press, 2000.
- MINOIS, Georges. **History of Suicide:** Voluntary Death in Western Culture. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1999.
- PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2006.
- RAGO, Margareth. “Trabalho Feminino e Sexualidade”. In: PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) **História das Mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos: Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997.

_____. **O Recife: Histórias de uma cidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na Década de 1920: Os anos que mudaram tudo**. São Paulo: Ática, 1997.

SERAINÉ, Florival Alves. **Suicídio e Mimetismo**. Tese em Medicina Legal. Bahia: Faculdade de Medicina da Bahia, 1930.

SOUZA, José de Araújo. **Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia**. Tese em Medicina Legal. Bahia: Faculdade de Medicina da Bahia, 1929.

SHNEIDMAN, Edwin. **Autopsy of a suicidal mind**. New York: Oxford University Press, 2004.

SHNEIDMAN, Edwin; FARBEROW, Norman. Statistical Comparisons between Attempted and Committed Suicides. In: FARBEROW, Norman; SHNEIDMAN, Edwin. **The Cry for Help**. New York: McGraw-Hill Book Company, 1961.

STENGEL, Edwin. **Suicídio e Tentativa de Suicídio**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1980.

WADI, Yonissa; SOUZA, Keila de. Suicídio e escrita autobiográfica: cultura, relações de gênero e subjetividade. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

WANG, Yuan P.; RAMADAM, Zacaria. Aspectos psicológicos do suicídio. In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei; WANG, Yuan (coords). **Suicídio: estudos fundamentais**. São Paulo: Segmento Farma, 2004.